

## O caipira diante da urbanização: a mudança nas vidas de “Os Parceiros do Rio Bonito”

Pedro Caminha<sup>1</sup>

Este trabalho faz uma resenha sobre a tese de Antonio Candido a respeito das populações tradicionais paulistas, intitulada *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Carioca de nascimento, Antonio Candido concluiu os estudos secundários em Poços de Caldas e, aos 19 anos, iniciou graduação em sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Cinco anos depois, em 1942, ingressou no corpo docente da mesma instituição onde, em 1945, obteve o título de livre-docência com a dissertação *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. Entre 1947 e 1954, elaborou pesquisa de doutorado apresentando a tese aqui resenhada, atualmente um marco nos estudos sobre comunidades tradicionais. Finalmente, como professor de literatura brasileira, publicou, em 1957, *Formação da Literatura Brasileira*, marco da análise literária no país.

Além destes três trabalhos em especial, Antonio Candido é um dos principais ícones do pensamento nacional. Dentro das limitações de se tentar tipificar um autor com essa qualidade, de maneira geral sua obra pode ser caracterizada, como apontado em Arantes (1992), pelo uso do método materialista para o exame de aspectos culturais – seja com relação à literatura (área na qual é considerado um dos principais analistas

---

<sup>1</sup> Mestrando no Curso de pós-graduação em Ciências Sociais, Desenvolvimento e Agricultura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

do Brasil), seja com respeito a populações tradicionais (como em seu trabalho de doutorado).

Nesta tese publicada pela José Olympio em julho de 1964, Antonio Candido (1954, p. 9) teoriza acerca do caipira “em transição” ao urbano, isto é, interpreta a atuação de um peculiar ator brasileiro ao longo do processo de urbanização paulista. Assim, desde cedo ressalta não estar tratando de uma cultura camponesa, tampouco cabocla: é caipira, restrita à área de influência paulista. Feita esta breve ressalva, Candido (1954, 1.<sup>a</sup> Parte) inicia analisando como era este ator antes da urbanização. Com essa finalidade, estuda a história caipira fazendo um balanço da bibliografia sobre o tema dialogando com autores inclusive do século XVI.

Após contextualizar a vida caipira tradicional, Candido (1954, 2.<sup>a</sup> Parte) parte para a investigação de sua situação contemporânea. Para isso, destaca o fato social dos mínimos, presente, em especial, no insuficiente valor nutricional da dieta oriunda da atividade caipira. Dentre outros aspectos como abrigo e vestuário, os mínimos são notados também na questão de a adaptação às mudanças nem sempre ocorrer apenas preservando a atividade tradicional – que tinha como característica, de acordo com o autor, o “isolamento”, bem como, a “autonomia”. Dessa maneira, comparando as duas visitas a Rio Bonito, assinala

a diferença das condições entre a primeira (1948) e segunda estadia (1954). Naquela data, quase cada casa possuía a sua prensa manual, havendo apenas uma de tração animal; havia alguns pilões de pé, pequenos monjolos secos, em que a queda da ‘mão’ é dada por pressão muscular (...): em 1954, tinham desaparecido por completo. Isso significa que não se fabrica mais açúcar, nem se limpa arroz em casa. Como aconteceu com a farinha de milho, predomina o hábito de recorrer aos estabelecimentos de benefício da vila, onde se compra açúcar e banha. Trata-se, pois, de um acentuado incremento de dependência, que destrói a autonomia do grupo de vizinhança, incorporando-o ao sistema comercial das cidades. E, ao mesmo tempo, uma perda ou transferência de elementos culturais, que antes caracterizavam a sociedade caipira na sua adaptação ao meio. (...) O homem rural depende, portanto, cada vez

mais da vila e das cidades, não só para adquirir bens manufaturados, mas para adquirir e manipular os próprios alimentos (Candido, 1954, p. 141-142).

Conforme analisa na 3.<sup>a</sup> Parte da pesquisa, Candido (1954, p. 217) entende que, face o urbano, ao caipira há dois possíveis tipos de reações: ou rejeita a antiga vida migrando para a cidade ou, permanecendo no campo, se ajusta por um meio que, fundado no mínimo, será mais ou menos satisfatório para o sitiante médio, precário para o parceiro e mísero para o colono ou camarada. Seguindo esse raciocínio, vemos que, conservando-se na lavoura, o caipira tradicional se ajusta à nova situação ao mínimo, fazendo os traços culturais urbanos aparecerem de forma proposta ou imposta, ou uma mistura de ambas.

Refletindo acerca do leque de possíveis respostas do caipira diante da urbanização, o sociólogo destaca três principais tipos-ideais de atores representativos sobre tal precário ajuste, estabelecidos a partir de sua investigação em campo. (1) Nhô Quim e família são os mais eficientes lavradores do Rio Bonito. Talvez por influência evangélica, não guardam dia santo, tampouco participam de atividades recreativas. Assim, podem, *“além do plantio para subsistência, dedicar-se a culturas lucrativas: amendoim, algodão, mais tarde formação de cafeeiros.”* (Candido, 1954, p. 170) Por sua vez, (2) Nhô Bicudo e família são trabalhadores aplicados porém, muito piedosos, praticam *“a vida religiosa com o fervor dos velhos tempos. Observam rigorosamente domingos e dias santificados”* (Candido, 1954, p. 170). Segundo notado, esse apego à atividade tradicional os faz perder tempo, que redundava em prejuízo. Por fim, apresenta que

(3) caso extremo é o dos irmãos Gázio, Maximiano e Joveliano (...). O pai (...) era caipira de velho corte, andejo, caçador infatigável, perfeito conhecedor do meio físico circundante, familiarizado com os cantos mais recônditos do campo ou da mata. Os filhos (...) guardaram certo amor pela coleta (...). Plantam uma rocinha mínima de feijão e milho, que daria para se equilibrarem nas condições antigas, quando não se requeria excedente de consumo para a construção do orçamento

familiar. Obrigados a ter um mínimo de dinheiro para as necessidades de vestuário (...), sacrificam parte da colheita, vendem bananas na vila, trocam alguns ovos no bairro – e vivem na mais completa miséria. (Candido, 1954, p. 170-171)

Desse jeito, *Os Parceiros do Rio Bonito* são como que arrastados para a modernidade. No entanto, de acordo com o autor, pela própria precariedade com que tal despejo ocorre, o caipira ajusta-se dualmente, adotando o mínimo da atividade moderna e preservando o máximo da tradicional. Em termos concretos, a dialética com respeito aos mínimos prevalentes na vida caipira está presente no fato de o artesanato diminuir, contudo, o baixo salário não permitir a substituição por manufaturados; velhos utensílios serem desprezados, no entanto, não se ter acesso aos novos; a caça diminuir, mas não a poder substituir pelo comércio (Candido, 1954, p. 219). Em outras palavras, o apego à atividade tradicional é dúbio, exprimindo a profunda crise sentida pelo caipira.

Procurando sintetizar tal ambigüidade, o autor estuda o problema social dos mínimos elementares percebidos na vida caipira de modo a deles destacar os meios por onde se expressa o caráter da comunidade em exame, ou seja, no caso em estudo, a qualidade do bloco familiar, das relações vicinais e, enfim, da teia de sociabilidade na qual o caipira tradicional se reproduz a partir de laços comunitários. O desafio composto é que, com a industrialização-urbanização, a expansão dos intercâmbios monetários e as novas espécies de atividades, passa a ser acentuada, precisamente, a cultura da individualidade.

Colocados campo e cidade frente a frente, seus atores ficam igualmente próximos, sejam os assalariados agrícolas ou os operários industriais. Nesse ponto, Antonio Candido (1954, p. 224) explicita seu engajamento prático, quando o sociólogo cede lugar ao crítico questionando: como devemos fazer para o caipira vir a ser incorporado à urbanização em “boa” situação? A resposta a esta pergunta pode não interessar nem ao empresário tampouco ao coronel, mas sem dúvida interessa sim à consolidação da nacionalidade do cidadão brasileiro em situação humanamente digna. Em outras palavras, Candido (1954, p. 225) parece indicar que, como o caipira é condenado a se urbanizar, planejemos este inevitável processo visando um caminho que o “bem” urbanize.

Nessa lógica, Candido (1954, p. 226) aponta que a resposta a aquela interrogação talvez possa ser descoberta investigando o singular atributo que o caipira confere a coisas intangíveis como beleza, recreação ou prazer: o “supérfluo”. Isto é, em tal campo de assimilação da cultura urbana e, em especial, valorização da individualidade, convém observar as substâncias pelas quais seria efetivamente notada a personalidade humana do caipira.

Para tanto, é indicativo constatar o prestígio que *Os Parceiros do Rio Bonito* atribuem aos seus pares que adotam práticas novas, “urbanas”. Mais precisamente, o sociólogo considera o fumo como o exemplo concreto esclarecedor sobre esse problema social: antigamente cultivado com freqüência na horta, reagindo às novidades vindas com a urbanização vemos o caipira “*não apenas deixar de prepará-lo, como desprezar o que se vende nas lojas, preferindo cigarros de fábrica*” (Candido, 1954, p. 181). O autor conclui que

todas as vezes que surge, por difusão da cultura urbana [e industrial], a possibilidade de adotar os seus traços, o caipira tende a aceitá-los, como elemento de prestígio. Este, agora, não é mais definido em função da estrutura fechada do grupo de vizinhança, mas da estrutura geral da sociedade, que leva à superação da vida comunitária inicial (Candido, 1954, p. 181).

Multiplicando a variabilidade dessa identidade, podemos pensar que o estudo sobre a crise do caipira tradicional não é particular ao município de Bofete ou à vizinhança do Rio Bonito. A expansão das permutas monetárias, associada ao binômio industrialização-urbanização, provocou uma crise sem precedentes na comunidade caipira, a obrigando a ajustar-se para justamente tentar evitar sua derrocada.

Ao longo desse enredo, seria assistido o autor conceber os protagonistas portando, ao menos em parte, papel passivo ao próprio movimentar das peças – inclusive em seu clímax, a questão do fumo. A atuação como paciente ocorreria ao não ser observada alguma ação destes atores intervindo sobre – mas sofrendo diante – a história em que se encontram, caracterizada pelo amplo processo de transformação sentido com a urbanização daquele cenário. Em outros termos, os parceiros agem para

preservar sua tradição familiar, porém, como no exemplo ilustrado, pouco alterariam o tipo de incorporação do Rio Bonito à urbe (em geral, parece que se muda de lá).

Enfim, a urbanização colocou a comunidade caipira tradicional em inédita crise. Como apontado em Candido (1954), o estudo dos mínimos nos levou a ilustrar este fato social por meio do exemplo acerca da alteração percebida com relação a um “supérfluo”: o aprecio de tabaco. Portanto, poderíamos talvez pensar sobre a possível fertilidade de ser pesquisado este aspecto da mudança na vida caipira com respeito também a outra atividade “supérflua” caracteristicamente tradicional a este ator: a degustação de aguardente.

Talvez, o exame das transformações associadas a esta substância possa ser relevante ao se tentar compreender a crise caipira em função do *sui generis* valor adquirido, por exemplo, na viticultura francesa ou com o charuto em Cuba, para a preservação de alguns dos traços culturais ligados à tradição e, até mesmo, identidade nacional. Tal pertinência surgiria porque este seria um emblemático caso de se contar como, frente ao desafio comum à humanidade em tantas localidades específicas, o caipira interveio, criativamente, inventando novos modos de prosseguir vivendo, sobressaindo sua personalidade de lugar em lugar como com um cururu.

## **Referências**

ARANTES, P. E. *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

CANDIDO, A. (1954). *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.

CANDIDO, A. (1965). *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.